

O CÃO COMO RECURSO TERAPÊUTICO NO ATENDIMENTO A PACIENTES PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

^{1,2}*Lucimara de Jesus Amorim*, ²*Lucia Koyama de Jesus Silva*,
¹*César Ferreira Amorim*, ¹*Viviane Santalucia Maximino*, ¹*Renato A. Zangaro*,
¹*Newton Soares da Silva*,

1. Universidade do Vale do Paraíba UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento IP&D
2. Centro Integrado de Reabilitação Física e Saúde Mental – terocupacional@uol.com.br

Palavras-chave: Reabilitação, saúde mental, terapia com cão, Terapia Ocupacional

Área do Conhecimento: IV – Ciências da Saúde

Resumo

Na atualidade diversos recursos complementares vem sendo utilizados na reabilitação de pacientes portadores de necessidades especiais, entre os quais estão as terapias assistida por cães. Nesse sentido, este estudo tem como proposta buscar fundamentação científica na interação homem-animal durante o processo terapêutico. Para isso, foi selecionado cães de diferentes raças e um grupo de 07 crianças apresentando diferentes quadros clínicos, na faixa etária de 7 a 14 anos. Essas crianças foram avaliadas por 10 sessões de Terapia Ocupacional em atendimento individual. Os instrumentos utilizados nessa pesquisa foram: avaliação de Terapia Ocupacional, 08 itens da escala comportamental infantil A2 de Rutter (adaptada) e uma avaliação do contato da criança com os cães. O resultado dessa pesquisa demonstra que a Terapia Facilitada por Cão é provida de oportunidades que favorecem o aprendizado de novas habilidades.

INTRODUÇÃO

Com a alta demanda de pacientes portadores de necessidades especiais graves em nossa comunidade, torna-se cada vez mais necessário a criação de novos espaços terapêuticos que garantam um acolhimento ao paciente e o desperte para uma interação mais favorável para aquisição de novos aprendizados.

O que se observa atualmente é que não existe muitas opções de atendimentos complementares para as clientela mais comprometidas. E isso faz com que o portador de necessidades especiais fiquem cada vez mais afastados do convívio social. Nesse sentido, nossa proposta é desenvolver

um núcleo de atendimento destinado a essa clientela, com o objetivo de facilitar a integração social e praticas educativas, uma vez que a terapia será realizada em ambiente aberto com contato direto com a natureza e o contato com o animal; proporcionando melhoria na qualidade de vida através da interação Homem-Animal.

Esse método de atendimento vem sendo utilizado com sucesso em muitos Países: em redes hospitalares, em escolas, empresas, instituições asilares entre outros.

Fundamentação Teórica

De acordo com Kaufmann (1997) existe duas formas valiosas de interação homem-animal. O primeiro é a atividade assistida por animal (AAA) que pode providenciar diferentes oportunidades para alcançar o crescimento pessoal e social a partir do contato com o cão em atividades educacionais, recreacionais ou motivacionais. O segundo é a Terapia Facilitada por cão (TFC ou Cinoterapia) que é a utilização do contato com o cão para fins terapêuticos, onde todo processo terapêutico será intermediado pela relação homem-animal (KAUFMANN, 1997). A TFC teve origem em 1792 no Retiro York, na Inglaterra em uma Instituição mental, onde os pacientes participavam de um programa alternativo de comportamento que consistia na permissão de cuidar de animais de fazenda como reforço positivo. Em 1867 a mesma técnica foi usada com pacientes psiquiátricos numa Instituição na Alemanha. Mais tarde, em 1942, terapeutas começaram a perceber os benefícios de TFC em pacientes com desordens mentais e físicas, mas somente na década de 60, foi publicado nos Estados Unidos pelos Dr(es). Boris Levinson & Sam & Elisabeth Corson as primeiras observações científica dos benefícios da TFC em pacientes com quadros clínicos psiquiátricos. A partir dos anos 80 relevantes pesquisas científicas emergem provando o benefício á saúde humana a partir da interação com animais, espalhando-se rapidamente no Reino Unido, Estados Unidos e na Europa Continental (TRIVEDI & PERL, 1995;).

No Brasil o interesse pela TFC surge nesta mesma época, mas somente, a partir dos anos 90 são implantados os primeiros Centros de Atendimento de Terapia Assistida por animais (GEORGE, 1988). . Em setembro de 2000 acontece no Rio de Janeiro a 9ª Conferência Internacional sobre Interações Homem-Animal, despertando diferentes profissionais da saúde para atuação na área de Terapia Assistida por Animais (cão) e pesquisas científicas (ARCA BRASIL, 2003).

As principais organizações que envolvem estudos de Terapia assistida por animais esta localizada no Delta Society nos Estados

Unidos, na Inglaterra no SCAS – Sociedade para Estudos de Animais de Companhia (PET PARTNERS,2003).

No Brasil, segundo dados de Dennis C. Turner (IAHAIO), 30% dos Psiquiatras e Psicoterapeutas envolvem animais nas suas praticas clinicas. Os cães tem sido usados como facilitadores para profissionais das áreas de: Terapia Ocupacional; Fisioterapia; Psicologia; Fonoaudiologia; Pedagogia e Psiquiatria (MALLON, 1992).

A Terapia Facilitadora com Cão consiste num método de abordagem onde o foco para o desdobramento do processo terapêutico esta centrado na relação estabelecida entre o paciente e o animal. A partir dessa relação é que o profissional da saúde direciona o tratamento terapêutico previsto após avaliação física e mental (KAUFMANN, 1997).

OBJETIVO

Este estudo experimental tem como proposta:

- a) verificar o comportamento de crianças observados segundo a escala comportamental A2 de Rutter (adaptada) durante a terapia facilitada com cão;
- b) verificar a preferência das crianças quanto ao porte do cão.
- c) verificar a qualidade da aproximação da criança com os cães de terapia.

METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

Foi realizada uma seleção dos animais de diferentes raças (Cocker Spainel Inglês, Havanês, Pastor alemão e Poodle Toy), observando-se características temperamentais, seguindo normas internacionais de cães de trabalho. Os animais foram selecionados a partir de avaliações específicas com profissionais habilitados, Veterinário , Adestrador e Tecnista de animais. Após as avaliações os cães foram treinados e dessensibilizados por períodos que variaram entre 4 a 12 meses. Os cães foram supervisionados e acompanhados por Médicos Veterinários durante o treinamento, vacinados e

vermifugados, com total controle da saúde do animal.

As principais características comportamentais dos animais de Terapia é serem dóceis, socializados, ou seja, convivem com pessoas e animais estranhos sendo receptíveis a carinhos e afago.

Após a fase de treinamento, foi selecionado um grupo 07 de pacientes com diferentes sintomas (distúrbio de aprendizado, hiperativo, paralisia cerebral, autista, síndrome de down e deficiente visual) na faixa etária de 07 a 14 anos de idade (tabela1). Todos os familiares assinaram um termo de consentimento para que o estudo pudesse ser realizado. As terapias foram realizadas na Sociedade Valeparaibana de Cães Pastores Alemães, local onde os cães recebem adestramento e acompanhamento por profissionais.

Na primeira fase do estudo foi estipulado o acompanhamento de 10 sessões, com duração de 40 minutos, uma vez por semana, em atendimento individual. Os pacientes foram avaliados por Terapeuta Ocupacional, onde foi identificado as limitações motoras e cognitivas de cada paciente. Para avaliação da primeira fase do estudo foram estabelecidos 09 itens da Escala Comportamental A2 de Rutter e uma avaliação da interação do contato com os cães durante o processo terapêutico.

Idade	Quadro Clínico	Forma de comunicação
07 e 08	Deficiente visual	verbal
07	Distúrbio de aprendizado	verbal
08	Hiperativo	verbal
08	Síndrome de Down	verbal
10	Paralisia Cerebral	verbal
14	Autista	Não-verbal

Tabela 1. Amostra estudada

RESULTADOS

Os resultados obtidos nesta pesquisa são apresentados através das médias dos dados referente aos escores parciais da escala comportamental infantil A2 de Rutter (adaptada) conforme descrição dos itens avaliados no grupo (tabela 02). Os escores com pontuação abaixo de 20 é considerado como resposta adaptativa positiva. Para os escores com pontuação acima de 21 é considerado uma resposta insatisfatória. Para avaliação do contato dos pacientes na aproximação e escolha dos cães, foram estipulados escore com valores (1) para execução da ação em questão e (0) para ação não executada (tabela 03 e04).

Itens Avaliados	escore Total (*) 4 - 28	Média do grupo N=7
AVDs	15	2,14
Independ. a mãe	11	1,57
Interesse	14	2
Atenção	18	2,57
Exploração	18	2,57
Espontaneidade	19	2,71
Alegria	7	1
Tolerância ao tempo de atendimento.	15	2,14
Auto-confiança	20	2,85

Tabela 02. Itens da Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter avaliados durante as 10 sessões terapêuticas.

(*) O valor do escore Total refere-se a média de N=7 que corresponde a pontuação de escore entre 1-4.

Avaliação do Contato com os cães		
Escolha do animal	Escore Total N=70	Média do grupo
Pequeno porte	22	0,31
Médio porte	6	0,09
Grande porte	42	0,6

Tabela 03. A preferência na escolha do cão pelo paciente na terapia

Avaliação do Contato com os cães N=7		
Qualidade da aproximação	escore Total 0 - 7	Média do grupo
Teve medo de tocar no cão	1	0,14
Tocou no animal sem medo	6	0,86
Permaneceu perto do animal durante a terapia	7	1
Permaneceu distante do animal durante a terapia	0	0

Tabela 04. Tipo de contato estabelecido pelo paciente com o cão durante a sessão terapêutica.

DISCUSSÕES

Pode-se observar na primeira fase desse estudo que o grupo de pacientes mostrou-se muito receptivo ao primeiro contato com os cães, apresentando uma tendência ao afeiçoamento nos cães de grande porte, conforme demonstrado na tabela 03. O grupo não apresentou dificuldades na aproximação dos animais, vindo de encontro as experiências vividas por Olson. (KAUFMANN, 1997). É interessante enfatizar que 04 pacientes não tem convivência com animais doméstico e trazem um histórico de medo de cães. No entanto, a maneira como os cães de terapia foram apresentados a reação de

medo não teve espaço, suprimindo essa referência negativa.

Como demonstrado na tabela 02, o grupo de pacientes avaliados nesse estudo apresentam algumas habilidades, são independentes quanto a aceitação no afastamento da mãe durante a sessão terapêutica. Na nossa pratica clinica costumamos observar que nos atendimentos tradicionais de consultório essa sensação de segurança e bem estar com o terapeuta normalmente leva-se de 05 a 10 sessões terapêutica. Já em ambiente aberto e contato com o cão a receptividade com o terapeuta acontece com maior intensidade a partir do segundo atendimento.

Os pacientes interagiram com todos os animais, puderam fazer escolhas, expor seus desejos, o que permitiu o surgimento de sensações prazerosas, induzindo o paciente a exploração desses animais (tabela 04) através de carinhos e brincadeiras. Ao final de cada sessão o paciente foi incentivado a oferecer petisco e água ao cão, como forma de agradecimento. Todos os pacientes realizaram a ação com satisfação, porém, para encerramento de cada sessão tivemos dificuldades, em todos os casos os pacientes apresentaram resistência para ir embora.

Diante os resultados expostos conforme tabelas 02, 03 e 04, pudemos observar que O cão foi um agente facilitador, e que provavelmente outras atividades propostas serão aceitas com menos resistência pelo paciente acelerando a intervenção terapêutica.

Cabe ressaltar que este trabalho é exploratório e que estes achados precisam ser aprofundados.

CONCLUSÃO

Diante os resultados verificados nesta pesquisa, concluímos que a Terapia Facilitada com Cão é provida de oportunidades permitindo ao paciente portador de necessidades especiais aprender novas tarefas e comportamentos, o que pode levar a aumentar o potencial para a resposta adaptativa necessária para a organização do cotidiano.

BIBLIOGRAFIAS:

BECK AM, KATCHER AH. A new look at pet-facilitated therapy. J Am Vet Med Assoc 1984 Feb 15;184(4):414-21. [PubMed - indexed for MEDLINE]

CELANI G. Human beings, animals and inanimate objects: what do people with autism like?.. Autism 2002 Mar;6(1):93-102

DAMON, J. The effects of pet facilitative therapy on patients and staff in an adult Day care center. Activities, Adaptation & Aging, (1986). 8(3-4), 117-131

FRIEDMANN E, KATCHER AH, THOMAS SA, LYNCH JJ, MESSENT PR Social interaction and blood pressure. Influence of animal companions. J Nerv Ment Dis 1983 Aug;171(8):461-5

GEORGE, M. H. Child therapy and animals. In C. Schaefer (Ed.), Innovative Interventions in Child and Adolescent Therapy (pp. 400-418). New York: John Wiley & Sons, Inc (1988).

KAUFMANN, M. Creature comforts: Animal-assisted activities in education and therapy. Reaching Today's Youth: The Community Circle of Caring Journal, (1997, Winter) . 1(2), 27-31.

MALLON, G. P. Utilization of animals as therapeutic adjuncts with children and youth: A review of the literature. Child & Youth Care Forum, (1992) 21(1), 53-67.

REDEFER LA, GOODMAN JF. Brief report: pet-facilitated therapy with autistic children. J Autism Dev Disord 1989 Sep;19(3):461-7 . [PubMed - indexed for MEDLINE]

.REICHART, E. Individual counseling for sexually abused children: A role for animals and storytelling. Child & Adolescent Social WorkJournal,(1998).15(3),177-185.

SLOVENKO, RRx: A dog. Journal of Psychiatry & Law, (1983). 11(4), 547-568.

TRIVEDI, L., & PERL, J. Animal facilitated counseling in the elementary school: A literature review and practical considerations. Elementary School Guidance & Counseling, (1995).29(3),223-234.

PET PARTNERS – Delta Society. Disponível em: <<http://www.deltasociety.org>. - acesso em 20/08/2003

ARCA BRASIL –Associação Humanitária de Proteção e Bem-estar animal. Disponível em: . <<http://www.arcabrasil.org.br> - acesso em 20/08/2003